

Balint em sete lições

Autor: Luís Claudio Figueiredo e cols.

Editora: Escuta, São Paulo, 2012

Resenhado por: Maria Teresa Lopes¹

Balint em sete lições é um livro de Luís Cláudio Figueiredo e tem como colaboradoras Gina Tamburino e Marina Ribeiro. Esse livro nos levará a conhecer conceitos de Michael Balint pouco conhecido entre nós.

Os textos são traduzidos diretamente e comentados pelo autor. Alguns desses textos não foram traduzidos para o português o que torna a obra inédita. O livro é dividido em “lições” que vão descrevendo, passo a passo, o pensamento do autor que vem sendo estudado. Em cento e sessenta e nove páginas o leitor achará um Balint livre e criativo, que desde 1930 já descrevia os pacientes que hoje ocupam nossos consultórios.

“O objetivo deste livro não é o de fazer uma introdução genérica às teses de cada autor, mas um contato denso com o seu estilo, sua criatividade, sua forma específica e particular de produção de ideias e teses”. E assim ele também deve ser lido, de forma densa porém criativa. Ao entrar em contato com essa obra o leitor depara-se com alguns pacientes que chegam ao seu consultório, com discursos muito parecidos com o que já em 1930 Balint descrevia.

De forma bastante didática e contundente, o autor vai dando corpo aos conceitos elaborados por Balint, que se preocupava, tal qual a Escola Húngara, também conhecida como Escola de Budapeste, com o amor materno, as relações primitivas entre recém-nascidos e seus ambientes e suas regressões.

Em cada uma das lições apresentadas o leitor entrará em contato com os pensamentos críticos de Balint, que não têm “adesões e aderências”, é um pensador livre, que transita por Freud e Ferenczi, com interlocuções com Ana Freud e Melanie Klein, sem, no entanto, se deixar levar pelas influências políticas e constrói seus próprios conceitos que, na época, não foram muito reconhecidos, mas hoje, depois de muitos anos, podemos considerar seus textos como contemporâneos. *Balint um psicanalista que em 1930 já falava na mudança de perfil da “clientela” analítica, assumindo novas feições*. E hoje confirmamos sua observação. Através dos textos vamos entrando em contato com nossos pacientes *borderline*, com a chamada clínica do vazio, com pacientes que não se encontram, que têm um discurso vazio e muitas vezes sem lugar. Com sujeitos completamente des-investidos, aos quais precisamos ajudar a se reinventar. Sujeitos com “uma espécie de inapetência vital”. Ao mesmo

1 Psicanalista pela SBPRJ. Co-Coordenadora do Projeto Travessia da SBPRJ, desenvolvido em parceria com a ONG Roda Viva na Chácara do Céu, Borel -Tijuca, Rio de Janeiro.

tempo em que observa essas mudanças nos pretensos pacientes, ele também discute questões da técnica e o que irá suscitar na dupla. Desde 1949 Balint já percebia o campo analítico como “algo” de muitas mazelas, principalmente no que diz respeito ao analista. Lembrando-nos, também, que nessa época aconteciam na Sociedade Britânica as controvérsias entre anafreudianos e kleinianos.

É interessante pensarmos o quanto Balint expandia o conhecimento psicanalítico, legitimando o que hoje fazemos quando levamos esse conhecimento para as comunidades. Naquela época já fazia a interface com a medicina e o serviço social.

Esse livro, embora pequeno, é um grande livro. A sua leitura é densa, porém completamente contagiante e instigante. O autor nos leva realmente a ter uma boa conversa com ele e com Balint.

Penso que os psicólogos e, principalmente os psicanalistas, têm muito a ganhar com a sua leitura. Não só pelo grandioso caminho que nos abre, mas também porque nos leva a uma reflexão sobre a clínica que queremos e a que fazemos.

Luís Claudio Figueiredo, carioca de nascença e Paulista de consequência, professor da cadeira de Psicologia Clínica da USP, da PUC-SP, sensível à escuta psicanalítica e com um conhecimento aprofundado de vários referenciais teóricos, os quais maneja e distribui aos seus alunos, e leitores, entre outros, que o venham a escutar. Dedicou-se atualmente a compreensão da clínica contemporânea com trabalhos riquíssimos que muito nos ajudam a refletir sobre o fazer psicanalítico na tão dita contemporaneidade. Autor de vários livros, dos quais vou citar dois que a meu ver são elementares na leitura psicanalítica, além do resenhado, que são: *Psicanálise – elementos para uma clínica contemporânea* (Editora Escuta, 2003) e *As diversas faces do cuidar – novos ensaios de psicanálise contemporânea* (Editora Escuta, 2009). Este último contempla a questão dos trabalhos da psicanálise e interfaces com o social, o que aproxima muito com o que Balint desenvolvia em épocas remotas.